

BRANCA DE NEVE E ANJO DA CASA – QUADRINHOS E CINEMA

Allana Dilene de Araújo de Miranda
Mestranda em Letras – UFPB
(allana.dilene@gmail.com)

Resumo: Este trabalho tem por objetivo fazer uma ponte entre a figura do anjo da casa, conforme colocada por Virginia Woolf, e a personagem Branca de Neve encontrada na história em quadrinhos *Fábulas – As Mil e Uma Noites*, fazendo uma breve comparação com a versão trazida na animação de 1937, dirigida por David Hand e gravada pelos estúdios Walt Disney. Para tanto, partirá das orientações de Sandra Caponi, e dos dizeres de Will Eisner sobre quadrinhos e arte sequencial.

Palavras-chave: Branca de Neve; Quadrinhos; Anjo da casa; Fábulas; Virginia Woolf.

ABSTRACT: This paper makes a connection between the figure of the angel in the house, as proposed by Virginia Woolf, and the character Snow, in the graphic novel *Fables – 1001 nights of Snowfall*. It does a brief comparison between the Snow White from the animation released in 1937 by the Walt Disney Studios. In order to do so, it will start from Sandra Caponi's notes about Woolf's studies and Will Eisner's sayings about comics and sequential art.

Keywords: Snow White; Comics; The angel in the house; Fables; Virginia Woolf.

O Anjo da Casa

De acordo com Virginia Woolf, o anjo da casa é uma figura intangível que assombra as mulheres da sociedade vitoriana desejosas de alcançar sua independência. Conforme descreve a autora,

Ela era imensamente compassiva. Era profundamente abnegada. Ela dominava as difíceis artes da vida familiar. Sacrificava-se diariamente pelos seus, era tão condescendente que nunca tinha uma ideia ou desejo próprio: ao contrário, sempre preferia concordar com as ideias dos outros (WOOLF, 1997, p. 44).

Essa figura fantasmagórica, extremamente empática e altruísta, corresponde, de acordo com Sandra Caponi, a um mito há muito perpetuado, de que a mulher seria, naturalmente, incapaz de pensar de maneira racional. Seria uma “capacidade eminentemente feminina de compreensão sensível empática e intuitiva dos fenômenos, que se oporia ao conhecimento racional e objetivo que caracterizaria o modo masculino de produzir conhecimento” (CAPONI, 2006, p. 106).

Sandra Caponi faz, então, uma relação entre essa figura woolfiana e os estudos de Hannah Arendt acerca das relações desiguais que permeavam o mundo grego nos âmbitos público e privado.

De acordo com Arendt, (1993 *apud* CAPONI, 2006), próprios da condição humana são o diálogo e a ação. Na esfera pública do mundo grego, tudo podia ser dito por meio de palavras ou persuasão, mas nunca pela força ou violência. E deste círculo fariam parte os iguais entre si, e entre eles haveria o uso do diálogo e da retórica. Na pólis grega, “tudo deveria ser enunciado, ali onde a violência deveria ser excluída” (CAPONI, 2006, p. 108).

As mulheres, juntamente com escravos e bárbaros, viviam à margem da pólis, restritas, portanto, à esfera do privado. Enquanto que no âmbito público – ao qual pertenciam apenas os homens, e “cuja preocupação principal era falar entre eles” (ARENDR, 1993, p. 44 *apud* CAPONI, 2006) – as relações deveriam ser iguais e democráticas, no âmbito privado, regimes despóticos eram permitidos.

O âmbito privado tinha seu centro no interior da família e do doméstico; era ali que as necessidades vitais básicas deveriam ser satisfeitas como condição para a realização da vida pública. Esse âmbito das diferenças e desigualdades era considerado o reino da violência muda e do segredo na medida em que implicava estar privado de se visto e ouvido por outros (CAPONI, 2006, p. 108).

De acordo com Virginia Woolf, essa figura que prende as mulheres ao privado, ao doméstico, e ao domínio das emoções deve ser destruída, para que a emancipação verdadeira das mulheres na sociedade ocorra. E esta submissão ao lar, supostamente natural às mulheres, seria responsável por tornar os argumentos femininos carentes de sentido para os outros, pois seriam baseados apenas na empatia; seriam, portanto, totalmente passionais. Lutar contra o anjo do lar simbolizaria lutar contra as relações desiguais “que exigem ordens e imposições de uma parte e passiva aceitação de outra” (CAPONI, 2006, p. 111).

As Histórias em Quadrinhos – uma Introdução

Scott McCloud define as histórias em quadrinhos como sendo “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador” (2005, p. 9). Dentro dessa

definição estariam inclusas desde as pinturas egípcias até a tapeçaria de Bayeux. O que há em comum entre elas, de acordo com o autor, é que todas se utilizam de imagens em sequência para contar uma história.

Com a invenção da imprensa, surgiram as tiras em quadrinhos publicadas em jornal, contribuindo para a popularização do gênero. Esse uso dos quadrinhos, por muito tempo difundido, acabou criando a ideia de que as HQ's (histórias em quadrinhos) não passam de um meio de diversão de massas – e as histórias produzidas reforçavam essa ideia, repletas de conteúdo simplório e pouco trabalhado. Com o passar do tempo, entretanto, as temáticas abordadas pelas histórias em quadrinhos passaram a se alargar, tornando-se mais abrangentes, e temas mais adultos como biografias, protestos sociais, encontrados até então apenas na literatura e no cinema, passaram a ser encontrados nos quadrinhos. Inicialmente em meios alternativos, como fanzines, aos poucos a tendência passou a tomar o mercado editorial. Era o surgimento da graphic novel.

Entretanto, a aceitação dos quadrinhos no meio acadêmico ainda sofre muita resistência. Embora elementos isolados da arte sequencial – o design, a criação escrita, até mesmo o cartum – venham recebendo consideração por parte dos estudiosos, raramente o todo dos quadrinhos tem a atenção devida (EISNER, 1999).

Fábulas – Contextualização

A revista em quadrinhos mensal Fables (Fábulas, como ficou a tradução no Brasil), escrita por Bill Willingham, começou a ser publicada em 2000, e faz uma releitura dos personagens famosos dos contos de fada e fábulas infantis. Na trama principal, as Fábulas – como se identificam esses personagens imortais – foram expulsas de suas terras de origem pelos exércitos de um poderoso inimigo, conhecido apenas por O Adversário. Sozinhos ou em pequenos grupos, eles conseguiram vir até o mundo real, onde vivem disfarçados como seres humanos. Estabeleceram uma colônia secreta chamada Cidade das Fábulas, onde tentam seguir com suas vidas.

A obra em análise faz parte de uma minissérie isolada dos acontecimentos da linha principal. Aqui, Branca de Neve, atuando como

embaixadora das Fábulas Ocidentais, viaja para fazer ao Sultão Shahryar uma proposta de aliança contra O Adversário. No entanto, graças às artimanhas do vizir, acaba sendo tomada por esposa, e descobre que será morta no dia seguinte, graças à desconfiança e ao desejo de vingança do Sultão em relação às mulheres.

Para distraí-lo, Neve usa de um artifício relativamente simples e já conhecido no mundo da literatura, graças a Sherazade: passa a contar diversas histórias para o Sultão, deixando-o curioso para o dia seguinte. Fica claro aqui, para o leitor, o intertexto com a coletânea árabe *As Mil de Uma Noites*. Assim, consegue escapar com vida e convence o Sultão a ajudá-la em parte. Nossa análise irá se limitar apenas ao primeiro número, pois se resume à história que Branca de Neve conta sobre si.

Branca de Neve e a Imagem

De acordo com Eisner (2008, p. 05) “as histórias em quadrinhos são, essencialmente, um meio visual composto por imagens”. O autor ressalta ainda que, embora também use de palavras, são as imagens que desempenham a função narrativa mais importante nas HQ’s. Diante disso, é necessário levantar alguns pontos sobre a representação visual de Neve nos quadrinhos, fazendo um breve comparativo com a animação de 1937.

Para Will Eisner, imagem é

A memória de um objeto ou experiência gravada pelo narrador¹ fazendo uso de um meio mecânico (fotografia) ou manual (desenho). Nos quadrinhos, as imagens são, geralmente, impressionistas. Normalmente, elas são apresentadas de maneira simplista com o intuito de facilitar sua utilidade como uma linguagem (2008, p. 19).

Assim sendo, a linguagem das histórias em quadrinhos recorre muitas vezes ao estereótipo como forma de facilitar a comunicação. Na obra em questão é fácil observar o uso de estereótipos² na representação dos personagens e cenários: o Sultão, cujo ambiente remonta ao mundo árabe; os anões, deformados e com

¹ Will Eisner usa a palavra *narrador* no sentido de *autor*. Seria “o escritor ou pessoa que controla a narrativa” (2008, p. 10).

² Estereótipo, para Eisner, é “uma ideia ou personagem que é padronizado numa forma convencional, sem individualidade. (...) É bastante comum nos quadrinhos. Ele é uma necessidade maldita – uma ferramenta de comunicação da qual a maioria dos cartuns não consegue fugir” (2008, p. 21).

aparência grotesca; o próprio Príncipe, cujas roupas remontam à sua posição de nobre.

A Branca de Neve apresentada nos quadrinhos mostra-se, como podemos ver, bem diferente daquela da animação. As principais características físicas, citadas no conto dos irmãos Grimm e essenciais para o reconhecimento da personagem, estão lá: a pele branca, os cabelos negros e os lábios vermelhos. A



Figura 1



Figura 2

representação das duas personagens, entretanto, é bastante divergente: enquanto a Branca de Neve da Disney traz sempre feições tranquilas e comedidas, a Neve dos quadrinhos traz diversos nuances de expressão, indo desde a apreensão, passando pela impertinência e chegando até a sedução. Aqui, portanto, ela é muito mais humanizada – tendência que vem acontecendo desde os anos 80 nas histórias em quadrinhos.

Partindo para o simbolismo dos contos de fada, há outro ponto relevante a ser mencionado, que é o nome da personagem. As origens populares dos contos de fada nos permitem fazer relações com os povos celtas que viviam na Europa (COELHO, 2003). Nos cultos realizados por estes povos, há a figura da Deusa Tríplice, que une em si três representações do feminino: o de Donzela, de Mãe e o de Senhora. As cores que simbolizam cada um desses aspectos são respectivamente: branco, por remeter à pureza; vermelho, por remeter à vida; e preto, por trazer à tona o conceito de morte e final do ciclo da vida. Entretanto, para nomear a personagem, fica apenas o primeiro aspecto, de pureza.

Ah, se eu tivesse uma filha branca como a neve, rubra como o sangue e negra como o ébano.” Não demorou muito, ela teve uma

filha, cujos cabelos eram negros como o ébano, as faces rubras como o sangue e a pele branca como a neve; deu-lhe o nome de Branca de Neve (ESTÉS, 2005, p. 33).

Na animação, ela é chamada de Branca de Neve (Snow White, no original), enquanto que no quadrinho, a personagem apenas é chamada de Neve (Snow). Enquanto que na literatura e no cinema os aspectos predominantes são a pureza, a inocência e o início do ciclo da vida; no quadrinho, a inocência da personagem foi perdida, graças aos acontecimentos que comentaremos a seguir, restando apenas a frieza da neve.

Neve e o Anjo da Casa

A história em quadrinhos inicia-se com Neve chegando ao Oriente como representante da Cidade das Fábulas – ocupante, portanto, de uma função claramente pública, em contraposição às mulheres no mundo grego, de acordo com os estudos de Hannah Arendt mencionados anteriormente. Com objetivos de aliança política e militar, ela vai ter com o rei Shahryar, mas acaba sendo ignorada e esquecida no palácio.

Interessante notar como Willingham, mesmo trazendo uma nova visão para a personagem e para as histórias infantis como um todo, consegue reproduzir as diferenças culturais e as dificuldades encontradas pelas mulheres nos nossos dias, como o ainda presente preconceito em relação às mulheres ocupando cargos públicos, conforme podemos ver nesse trecho do diálogo que Neve tem com o Vizir.

- Não sabemos o que fazer com você. Nossa serenidade está destruída, o palácio está em polvorosa. Você chega aqui com o rosto descoberto, usando roupas estrangeiras indecentes, sem nenhum presente para a majestade do Rei Shahryar – E que tipo de povo atrasado mandaria uma mulher como enviada? Sua intenção é nos insultar? Por que não volta para casa? (WILLINGHAM, 2007, p. 5).

Depois de muito insistir, Neve consegue uma audiência com o Sultão. No entanto, vítima de uma artimanha do Vizir, a personagem foi tomada como noiva do rei que, por ter sido traído no passado por sua primeira esposa, resolve vingar-se de todas as mulheres, casando-se novamente todas as noites e matando a esposa no dia seguinte. “Cuidado com as palavras, mulher! Lembre-se com quem está falando! Dificilmente pode ser considerado insanidade o reconhecimento da perfídia

inesgotável das mulheres. Nem é monstruoso vingar-se disso” (WILLINGHAM, 2007, p. 11).

Esse comportamento do Sultão permite-nos fazer uma relação com os escritos de Virginia Woolf, quando fala a respeito do modo como as mulheres são descritas na literatura: sempre cheias de personalidade e donas de si, são espirituosas, espertas e inteligentes. Entretanto, na vida real, tinham pouca ou nenhuma significância; diversos estudiosos traziam trabalhos vários “comprovando” a inferioridade do sexo feminino. Para a autora, tal discrepância se daria por dois motivos: o desejo do homem de provar-se naturalmente superior à mulher e a instabilidade dos sentimentos masculinos em relação ao sexo feminino.

Nadinha o homem conhece até mesmo dela (a mulher), quando a observa através dos óculos escuros ou rosados que o sexo lhe coloca sobre o nariz! Daí, talvez, a natureza peculiar das mulheres na ficção, os extremos surpreendentes de sua beleza e horror, a alternância entre bondade celestial e depravação demoníaca — pois é assim que um amante a veria à medida que seu amor crescesse ou diminuísse, fosse próspero ou infeliz (WOOLF, s/d, p. 103).

Para distrair o Sultão, e também convencê-lo a ajudá-la, Neve conta sua história – mais exatamente o que aconteceu após seu casamento com o Príncipe Encantado. Ela não se identifica diretamente para seu interlocutor, mas o intertexto com o conto infantil ficará claro, conforme veremos adiante.

Como presente de casamento, após as núpcias, Neve pede ao esposo aulas de esgrima. Este protesta, questionando a utilidade de uma dama da nobreza aprender a manejar uma espada. Após insistência, o Príncipe cede aos desejos da esposa, mas deixa claro que as aulas serão dadas em segredo.

Aqui, ressalta-se mais uma vez a oposição entre espaço público e privado. O Príncipe, ocupante de um importante cargo governamental, não quer que assuntos concernentes à esfera privada venham a ser de conhecimento dos outros. Dotar uma mulher de habilidades que ela não deveria possuir seria socialmente vergonhoso. Neve não se importa com o segredo, pois tem outros planos em mente.

A narradora faz um breve afastamento da história principal para situar seu interlocutor: há dois grandes reinos, o subterrâneo, onde moram os anões mineradores de metais e pedras preciosas; e o reino da superfície, habitados pelos homens. As suas raças acordaram entre si de nunca se misturarem; suas relações seriam estritamente comerciais. Entretanto, há parias entre os anões que vivem na

superfície, em casas isoladas na floresta, e sequestram camponesas, mantendo-as em cativeiro e violentando-as. Para evitar então tensões políticas, os dois reinos negam ou afirmam desconhecer essa prática, de forma que os culpados ficam impunes.

É possível relacionar esse fato com os dizeres de Woolf em Um Teto Todo Seu, mais uma vez quando fala da suposta liberdade das mulheres na ficção.

De fato, se a mulher só existisse na ficção escrita pelos homens, poderíamos imaginá-la como uma pessoa da maior importância: muito versátil; heróica e mesquinha; admirável e sórdida; infinitamente bela e medonha ao extremo; tão grande quanto o homem e até maior, para alguns. (...) Na realidade, ela era trancafiada, surrada e atirada no quarto (WOOLF, s/d, p. 55-56).

Willingham consegue exprimir alguns dos abusos sofridos pelas mulheres no decorrer da história: consideradas de pouca importância diante de “bens maiores”, a violência contra elas não era sequer exposta em público. Sumariamente ignoradas pelas autoridades competentes, era uma situação considerada do âmbito privado, aquele que não está aos ouvidos e olhos dos outros.

Os dias se passam e corpos de anões dilacerados à espada são encontrados pela floresta. Tais assassinatos passam a causar um grande incidente diplomático entre os reinos: acordos comerciais são rompidos e uma guerra torna-se iminente. Quando convocado pelo rei dos anões, o Príncipe descobre que os mortos até agora eram irmãos, e que costumavam usar uma das “casas de diversão” escondidas na floresta.

No âmbito privado, Neve conversa com seu marido, que está preocupado com o rumo que as coisas estão tomando. E mais uma vez assume o papel de mulher presa ao lar, quando diz que “tais assuntos nobres fogem à minha compreensão” (WILLINGHAM, 2007, p. 36). A distinção entre público e privado fica muito clara aqui: ainda cabe ao homem a resolução de problemas políticos. À mulher cabe apenas o papel de anjo do lar, sem participação na vida pública.

E então os outros três anões irmãos são encontrados mortos em uma casa queimada na floresta. O Príncipe, sabendo que não mais haveria assassinatos, enviou a cabeça de um dos seus prisioneiros ao rei do subterrâneo, com uma falsa carta de confissão. Tal estratégia evita a guerra, mas acaba com seu casamento: a casa onde os corpos foram encontrados era a mesma que o Príncipe encontrou

Neve. Ele já desconfiava da autoria dos crimes, visto que as habilidades do assassino melhoraram conforme as de sua esposa na esgrima, e embora não a recrimine diretamente, perde a confiança. Posteriormente, conforme mencionado pela narradora, o Príncipe a trai, havendo assim o divórcio.

A ponte que fazemos entre a Neve dos quadrinhos e o anjo da casa de Woolf é que os assassinatos dos anões simbolizam, de maneira literal, o assassinato da figura fantasmagórica definida por Woolf. A autora diz, conforme vimos anteriormente, que se a mulher de fato quer libertar-se, faz-se necessário matar essa figura complacente e passional.

É verdade que Neve tem por objetivo principal a vingança: vitimada pela violência doméstica que é ignorada por toda a sociedade (como foi, durante muito tempo, aceitável que o marido surrasse a esposa para educá-la), ela usa de sua posição social para adquirir os meios necessários para alcançar seu objetivo. É um motivo passional, embora o planejamento e a execução se mostrem cuidados e meticulosos.

No entanto, são esses assassinatos que abrem portas para um novo momento em sua vida. Após o divórcio – fato por si só inesperado entre personagens de contos de fada – ela conquista seu espaço público em uma situação de crise: torna-se embaixadora de seu povo após a fuga para a Cidade das Fábulas, e alcança certo sucesso profissional. Neve deixa seu papel de anjo do lar, estereótipo trabalhado pela animação de 1937, e assume uma postura mais independente e contemporânea.

Referências

CAPONI, Sandra. Sobre guerras e fantasmas: o feminino e a distinção entre público e privado. In: MINELLA, Luzinete Simões; FUNCK, Susana Bórneo. **Saberes e fazeres de gênero: entre o local e o global**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006, p. 105-116.

COELHO, Nelly Novaes. **O Conto de Fadas: símbolos, mitos, arquétipos**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2003.

EISNER, Will. **Narrativas Gráficas**. Tradução de Leandro Luigi. São Paulo: Devir, 2008.

ESTÉS, Clarissa Pinkola (org). **Contos dos irmãos Grimm**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando Quadrinhos**. Tradução de Helcio de Carvalho e Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: M. Books, 2005.

WILLINGHAM, Bill. **Fábulas**: as 1001 noites. Ilustrado por Charles Vess e John Bolton. Tradução de Marcelo Barbão. Rio de Janeiro: Pixel Media, 2007.

WOOLF, Virginia. **Kew Gardens**: o status intelectual da mulher: um toque de feminino na ficção: profissões para mulheres. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Um Teto Todo Seu**. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

Filmografia:

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES (Snow White and the Seven Dwarfs). Direção: David Hand. Produção: Walt Disney Pictures, 1937. 1 DVD (83 minutos), widescreen, color., animação baseada no conto dos Irmãos Grimm.

Sites Acessados:

The Annotated Snow White and the Seven Dwarfes. Disponível em: <http://www.surlalunefairytales.com/introduction/index.html>. Acesso em Maio de 2010.

The Triple Goddess. Disponível em <<http://www.witchesway.net/links/triplegoddess.html>>. Acesso em Junho de 2009.